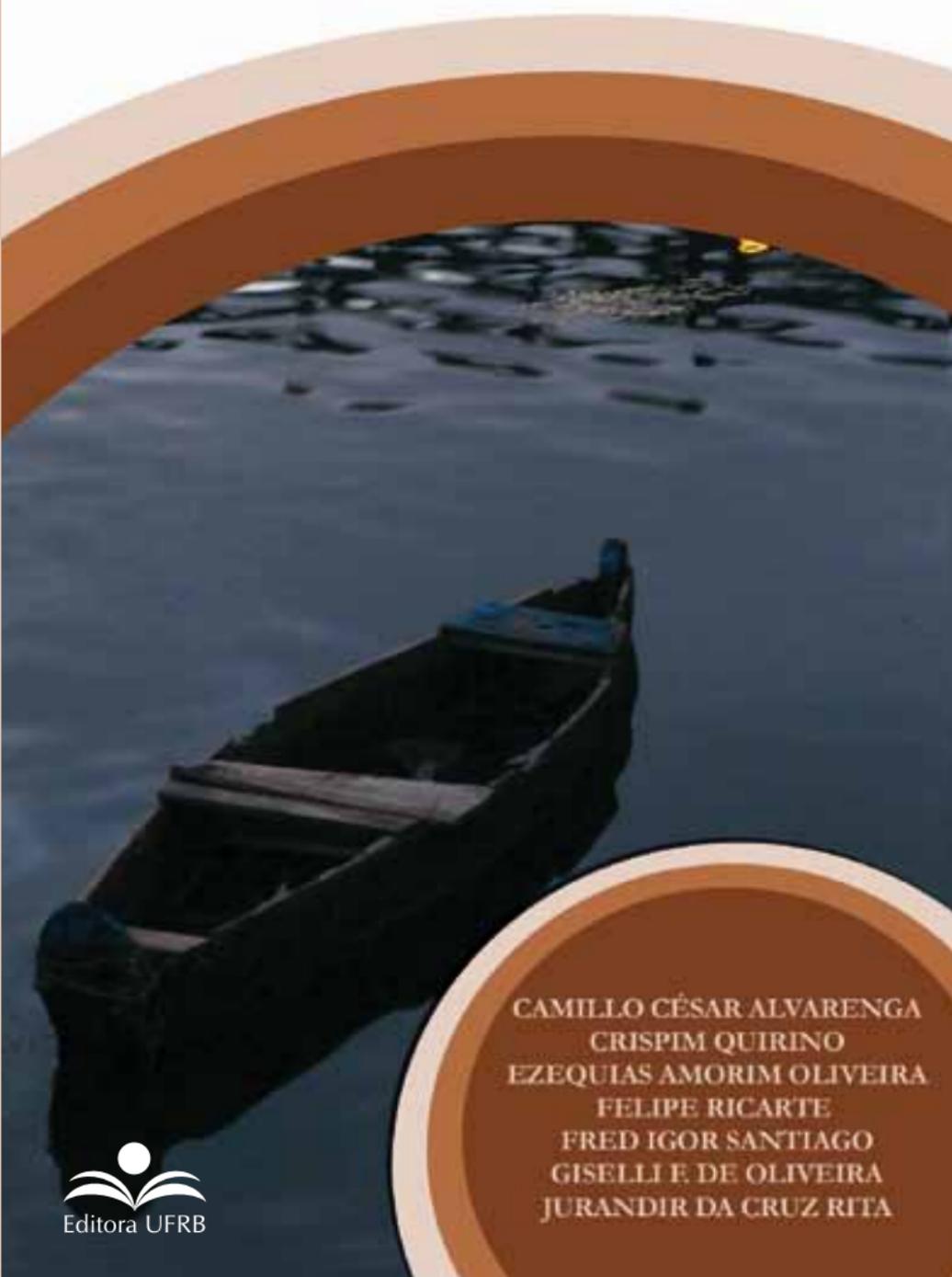


CANOAS DO PARAGUAÇU



CAMILLO CÉSAR ALVARENGA
CRISPIM QUIRINO
EZEQUIAS AMORIM OLIVEIRA
FELIPE RICARTE
FRED IGOR SANTIAGO
GISELLI F. DE OLIVEIRA
JURANDIR DA CRUZ RITA

Canoas de Paraguaçu

UFRB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

VICE-REITOR

Silvio Luiz Oliveira Soglia



SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Fábio Santos de Oliveira

Ósia Alexandrina Vasconcelos Duran Passos

Rosineide Pereira Mubarak Garcia

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

SUPLENTES

Ana Cristina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saska Campos Tavares

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Camillo César Alvarenga
Crispim Quirino
Ezequias Amorim Oliveira
Felipe Ricarte Barbosa
Fred Igor Santiago
Giselli F. de Oliveira
Jurandir da Cruz Rita

Canoas de Paraguaçu



Cruz das Almas – Bahia

2012

Copyright©2012 by, Camillo César Alvarenga, Crispim Quirino, Ezequias Amorim, Felipe Ricarte, Fred Igor Santiago, Giselli Oliveira e Jurandir da Cruz Rita.

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Capa: *Manuela Hernandez Martinoya*

Projeto gráfico e editoração eletrônica: *Tag Comunicação*

Revisão, normatização técnica: *Tag Comunicação*

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

B823c Canoas de Paraguaçu / Camilo C. da S. Alvarenga
[*et al.*] - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

90 p.

ISBN 978-85-61346-36-2.

1. Poesia 2. Literatura brasileira. I. Alvarenga, Camilo C. da S. II. Quirino, Crispim S. III. Oliveira, Ezequias A. IV. Silva, Felipe R. B. da V. Ferreira, Fred VI. Oliveira, Giselli F. de VII. Rita, Jurandir da C.

CDD 869.1



Editora UFRB

Campus Universitário

Rua Rui Barbosa, nº 710 – Centro

44380-000 Cruz das Almas – BA

Tel.: (75)3621-1293

gabi.editora@ufrb.edu.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	07
PREFÁCIO	11
Jurandir Da Cruz Rita	17
Pés.....	19
A vida é de sinais amigo	21
Felipe Ricarte Barbosa	23
!A Cópia!	25
Mundo Meu.....	26
Segredos De Uma Noite	27
Tempos De Cachoeira	28
Giselli Oliveira	29
Enlace	31
A Pele Traduz	33
Alma Nua, Corpo Nu	34
A Voz.....	36
Olhar Peculiar Para Terceiro Ver.....	37
Consternação.....	37
Fred Igor Santiago	41
Até As Rainhas Choram	43
Bendita Maldição,	45
Cachoeira Não Para Amadores	47
“Parece Que Zumbi Uniu Nossas Mãos”	49
Simplicidade	51
Tentativa De Fotografar O Orgasmo (I)	53
Você Volta.....	55
Ezequias Amorim Oliveira	57
Calos nos Cantos	59

Ritmo.....	60
Espinhos	61
Eu: último poema.....	63
Crispim Quirino.....	65
Sentimento maduro.....	67
Inércia.....	68
Tratado internacional.....	69
Questão de gênero ou metáfora.....	70
Denúncia popular ou expulsão de um ditador..	71
Assembléia geral	72
Anúncio postal.....	73
Hitórias de amor.....	74
Condição humana.....	75
Camillo César Alvarenga	77
(75).....	79
(99).....	81
(11).....	82
(71).....	83
101.....	84
POSFÁCIO	85



Apresentação

Tendo a justiça em letras postas, esta reunião é fruto da força de vontade das ideias e anseios dos estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL – UFRB), na cidade de Cachoeira, pulmão do Recôncavo baiano. Entre os quais, gostaria de agradecer especialmente a André Araújo, estudante do curso de Cinema e produtor cultural, pelo apoio no processo de inscrição e concorrência do projeto no certame público, sem ele não teríamos conseguido enviar os originais para seleção.

Também devo ser grato a Breno Tsokas, músico e criador audiovisual, com o qual realizei, em idos de 2010, um conjunto de entrevistas e captações em áudio, com Orlando Pinho, poeta e ecologista, José Augusto Ramos, Pedro do Livramento que compartilhou do processo dando voz a poemas de Damário da Cruz – neste ano então falecido à época de nossos trabalhos – registros que elaborando um panorama sonoro da poesia da região, deram início a este projeto que culminou na lista





escrita com Jurandir Rita, e o embrião deste livro se gerou. É claro que tantos outros são tão importantes quanto estes, mas são tantos que decerto não caberiam neste parágrafo.

Assim, a proposta de antologiar determinados escritos, surge como um esforço para registrar e tornar público a produção artística, intelectual que vem sendo realizada nestas terras baianas, tendo como ponto de comunhão a poesia como forma de arte escolhida para ilustrar, representar aspectos marcadamente criativos e críticos da nossa cultura.

A coleção de versos conta com apostas em novos autores, se configurando assim uma grande oportunidade de popularizar e, por conseguinte, democratizar demandas estéticas e artísticas que se formulam no interior do estado da Bahia, a fim de (re)significar o horizonte histórico e o panorama das perspectivas, que por ora, se apresentam de maneira que o presente é a época de preservação de nosso patrimônio imaterial, logo, grava-se na Literatura esse pulso.





No intuito de ser forma material de um conjunto de expressões subjetivas, esta coletânea se apresenta enquanto ânfora que resguarda uma fatia da renovação, que se opera no fazer poético, em que pese seus diálogos com a tradição e seu potencial de revolução, no que tange sua identidade ou matriz de formação cultural que a mesma representa. Seguindo de perto a poematecnologia para um novo século, o lirismo atinge um grau de elevada e apuradíssima sobriedade, apoiado por soluções linguísticas e metapoéticas de raro entusiasmo.

Tocante o esforço de iniciação de jovens escritores, no objetivo de lograr êxito na árdua caminhada da arte literária no Brasil, sendo que se deve todo respeito e consideração às investidas nesse terreno libertário da poesia – sem falar na gama de novos autores que surgem por dia nos blogs, e etc. – esta congeminação de forças vêm a ser um exemplo de ativismo e predileção pela palavra escrita e seu raio de atuação, sua efetividade e notada função social.

Assim, em nosso contexto de ação, tais páginas são o resultado da entrega, compromisso, dedicação e crença de que o verbo move





a imagem, o verso escreve a paisagem, o riso esconde-se nos bolsos, a educação se faz cotidiana, a beleza inspira a humanidade, nossa região: refúgio, sombra de amendoeira, beira rio, orla em fluvial maresia, ilha, ponte, cais cosmopolita. Samba de roda, heranças, a guerra fez-te heróica, porto do eterno regressar, canoas transitando margem a margem...

Que fiquemos expostos ao arquipélago de construções, nos permitindo a imersão neste ambiente de sinestesia e forte mosaico de influências, que arrebatam as consciências quando nos toma cada palavra, e faz delas grito ou sopro, sorte ou desafio, miragem ou puro cio, contorna a ilusão aponta a última pedida e transfigura a vanguarda. É um, o novo, o futuro são outros postulados e concepções, acepções e buscas, correntes e entregas, ancoradouros e velas, destinos e despedidas, em pleno recomeço, partamos rumo à posteridade.

Camillo César Alvarenga





Prefácio

Sete Poetas do Paraguai

Meu primeiro poema em livro foi publicado em uma antologia. Todo poeta deveria estreiar assim. Esse é o espaço natural dos amadurecimentos, das conquistas, dos diálogos, das repercussões, dos intercâmbios estéticos e sociais. Mais ou menos assim pensava Mário de Andrade quanto ao surgimento dos novos escritores. Só depois das publicações esparsas em jornais, revistas e antologias, é que o poeta deveria aventurar-se na publicação de um livro individual, aquele livro todo seu, reunindo toda uma produção sob sua assinatura literária. E mesmo assim, muitos poetas consagrados rejeitam o “primeiro livro”. Eu continuo pensando desta maneira: todo jovem escritor deve publicar primeiro em jornais, revistas e antologias. E hoje, na era da internet, ficou tudo mais fácil. Todo mundo pode sair da gaveta direto para uma publicação online. Compartilhar seu texto e permitir o leitor recompartilhar. Ver sua palavra ganhar mundo e correr estradas virtuais infinitas.





Mas a experiência de participar de uma antologia impressa ainda é inegavelmente especial, diferenciada, e de grande valor na vida literária de todo jovem escritor. Por esses motivos, saudamos a chegada de mais esta antologia no cenário da nova poesia brasileira. Uma antologia organizada de forma independente e criativa. Uma antologia feita pelas mãos da sua própria geração. Sem apadrinhamentos. Organizada por um jovem escritor que reuniu outras vozes que estão atuando no efervescente momento poético vivenciado na cultural cidade de Cachoeira, impulsionado pela presença pulsante da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Nesta antologia, temos sete poetas que também são estudantes dos cursos da UFRB. Sete jovens escritores em busca de seus possíveis leitores, em busca de espalhar em versos suas almas inquietas e criadoras. Sete vozes líricas que remam em canoas diferenciadas, mas que muitas vezes cruzam o mesmo rio da inspiração, talvez o Paraguaçu. Bebendo nas águas da ancestralidade africana, refletindo sobre os desgastes da vida urbana presente, revoltando-se contra as mazelas sociais que insistem



em cutucar a mente solidária do artista, ou, simplesmente, brincando com as palavras para criar efeitos de beleza pura e intangível, esses poetas estão irmanados pelo ato da criação artística.

Camillo César Alvarenga, com sua linguagem rasgada, dilacerada, ao ritmo dos desvarios urbanos, metáforas transcendentais, jogos linguísticos entrelaçando nossa língua com os estrangeirismos que nos cercam no cotidiano visual, escreve uma poesia ligada ao caos social que nos oprime sempre. Crispim Quirino, com seu diálogo intertextual, com a tradição lírica de Drummond e Bandeira, se firmando na antologia como o poeta de linguagem mais elaborada, e uma poesia mais rigorosa na construção do ritmo e na elaboração da imagem. Ezequias Amorim, com sua poesia urbana. Felipe Ricarte Barbosa, destilando sua lírica carregada de reflexões existenciais e pesadas de andar pelos buracos dos mistérios do homem. Fred Igor Santiago, de forte poesia social, de matriz africana que esbanja imagens eróticas de boa qualidade estética. Giselli Oliveira, única voz feminina na antologia, apresenta uma explíci-





ta poesia erótica, de cunho sensual e liberta de toda repressão sexual. Jurandir da Cruz Rita, que como todos os outros poetas da antologia, apresenta uma poesia de grande liberdade formal, impregnada pelo o peso/preço da vida e suas angústias filosóficas. Enfim, temos uma antologia bem orquestrada.

A vida de estudante que já inspirou Álvarez de Azevedo, Castro Alves, Federico Garcia Lorca e tantos outros escritores. É também uma fonte de inspiração e ponto de união destes jovens poetas. Respirando os ares encantados da Histórica Cachoeira, suas ruas, seu povo, seus artistas, sua mágica neblina, esses jovens seguem alimentando novas aparições poéticas dos trens, do rio Paraguaçu, dos poetas, dos ritos e das festas que traçam o quadro da vida do Recôncavo baiano.

Uma antologia merecedora de nossa leitura. Sete poetas, sete canoas. Algumas, talvez, fiquem à deriva nas águas do esquecimento, outras, tenho fé, chegarão ao porto atemporal dos leitores futuros. O importante neste momento, é sempre navegar. E como diz o poeta



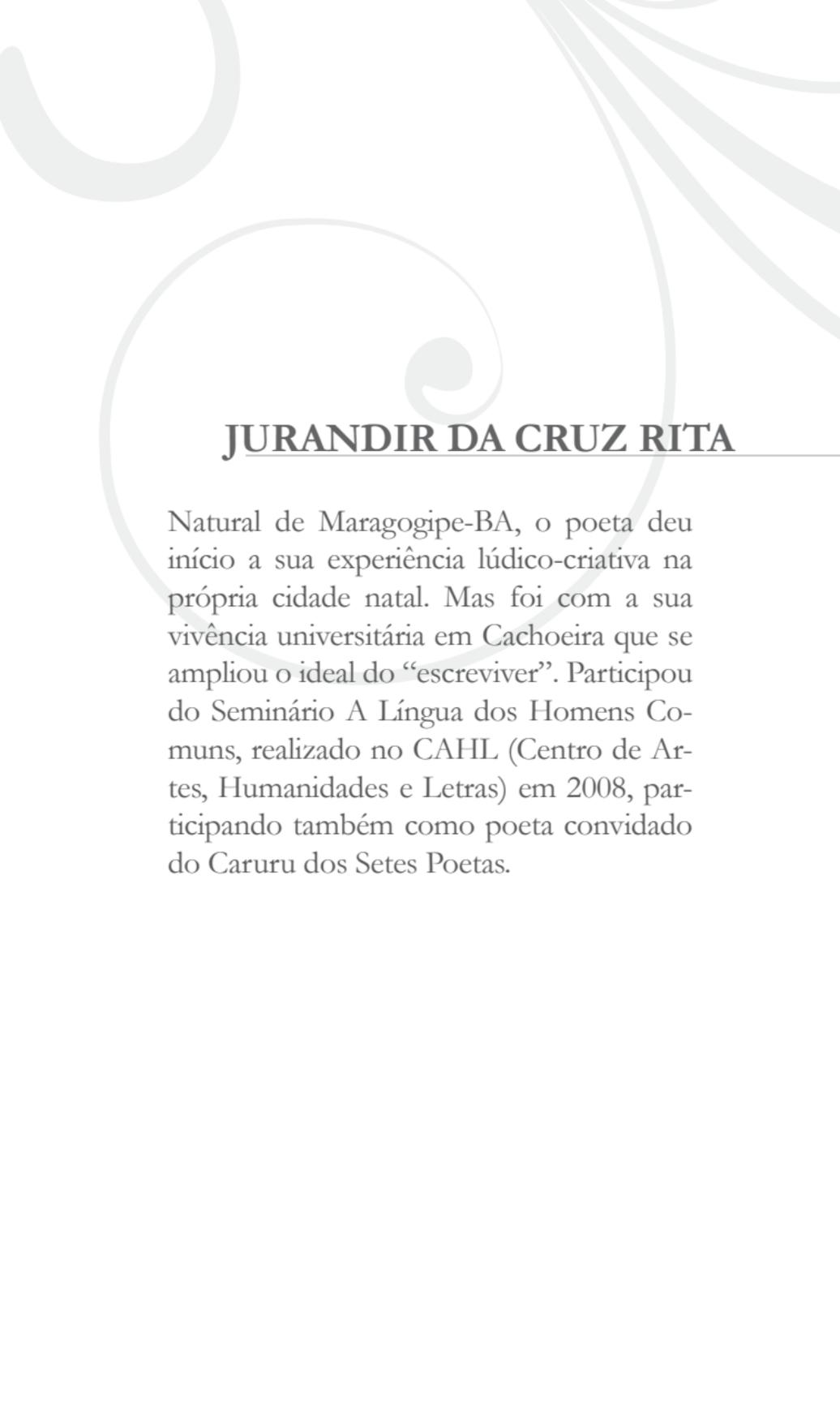


Jurandir da Cruz Rita “são poucos que sabem
que o medo de navegar de nada serve”.

*Cleberton Santos – poeta e professor do IFBA. Autor dos livros
de poemas Ópera urbana (2000), Lucidez silenciosa (2005),
Cantares de roda (2011).*

Riachão do Jacuípe, 04 de setembro de 2012.





JURANDIR DA CRUZ RITA

Natural de Maragogipe-BA, o poeta deu início a sua experiência lúdico-criativa na própria cidade natal. Mas foi com a sua vivência universitária em Cachoeira que se ampliou o ideal do “escrever”. Participou do Seminário A Língua dos Homens Comuns, realizado no CAHL (Centro de Artes, Humanidades e Letras) em 2008, participando também como poeta convidado do Caruru dos Setes Poetas.



Pés¹

os dedos grandes
as unhas a fazer

os pés pretos
sujos de barro

os pés gordos
forrados de calo

os pés largos
cheirando a suor...

samba no chão batido.

pés que dança coco
bumba meu boi
samba
samba
samba
até de madrugada...

samba de caboclo
repente & barra-vento

¹ Poema originalmente publicado na edição do periódico Reverso - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UFRB * Cachoeira / BA * N° 04 * dezembro de 2007.





os pés fundidos no chão...
os pés sagrados...

deixam lembranças
memória e história de preto veio.





a vida é sem sinais, amigo

e são poucos os naufragos que escapam
e são poucos que sabem que o medo de
navegar de nada serve

a vida, amigo, não dá sinais a ninguém
aos loucos ela diz sim, aos lúcidos ela diz não
e a todos ela só oferece o acaso

a vida deflora cada instante
e cada vida se deflagra
como silhueta de acrobata
mas a vida não é de sinais ou signos afins

meu caro, não esqueça nunca que a vida é
água
e pode passar por nossos dedos sem que
possamos segurá-la
a vida...
é ávida por viajantes
e oferece apenas a vida

FELIPE RICARTE BARBOSA

Poeta nascido na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, em 30 de abril de 1988. Atualmente é graduando do curso de História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e iniciou sua trajetória na poesia ainda na infância, influenciado pelo seu bisavô Servílio Barbosa da Silva que também era poeta. Suas poesias estão voltadas para a transcendência mental, baseadas no existencialismo filosófico experimentando versos voltados à busca do “eu inconsciente”.



!A CÓPIA!

Para que parecer
Viver não é imitar

Parecer...

Onde está?! Como é?!

Futilidade, futilidade, futilidade

Maior do que a cabeça,
É a insanidade
Daqueles que não vivem suas verdades

Só imenso plágio de vaidade...

Copiar, copiar, copiar...

Também devemos criar, amar, lutar

De fato!

Inventar-nos outra vez...





MUNDO MEU.

Através dos vidros, vejo olhos
Através dos olhos, sentimentos
Puro desejo sedento
Onde é difícil caminhar

Passo por dentro do espectro
Sem medo de errar
Como o doce sussurro de uma virgem a
galopar
Num átomo de hidrogênio.

Para dentro, não posso parar
Estou perdendo
Não posso me entregar
O que fazer, o que dizer, o que ser...?!

Eu...

Apenas eu
Num mundo de eus



SEGREDOS DE UMA NOITE

Depois de um arrebol cintilante,
É hora de ouvir a sombra do mundo
Sentindo o calor do frio
Dentro do peito
Que não anda vazio
Como casa de moribundo

O segredo da canção noturna
Desapega-me da ilusão alheia
Onde nunca será bem vinda a maldade
Sangue de esperança jorra
Trazendo enfim a prosperidade

Efeitos de Paradoxos
Confundem-me no escuro da bela noite
Gritam morcegos que não bebem sangue
Agitam corujas para longe
Onde se esconde o segredo

Enfim, o aconchego da aurora
Bato asas à dentro
Rumo a mim...



TEMPOS DE CACHOEIRA

Já são duas e quarenta e oito da manhã
Apenas o som do trem sobre os trilhos
Neblina silenciosa vagando pela noite

Cachoeira apenas tenta descansar...

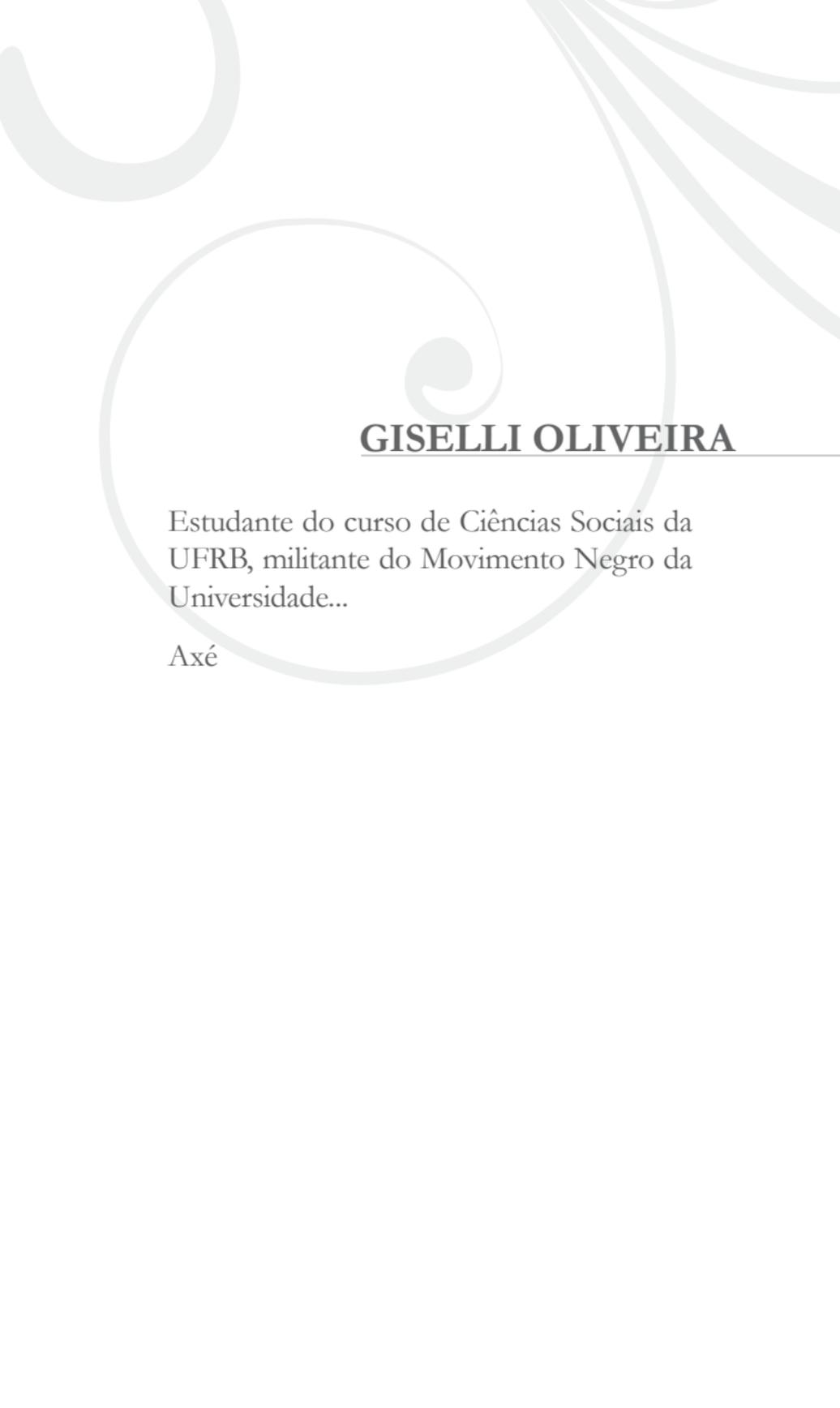
Enquanto mais uma vez vai-se o trem,
Voltam os bêbados do bordel
Parecem tristes loucos do que têm

Sinto-me insônico a observar
O que não se pode ver

Há muita neblina no ar
Só quem sente pode perceber
Como quem ama pode contemplar

Vai dormir cachoeira !!!
Pelo menos tente uma vez...
Acorda, Cachoeira!!!
É dia de feira...





GISELLI OLIVEIRA

Estudante do curso de Ciências Sociais da
UFRB, militante do Movimento Negro da
Universidade...

Axé



ENLACE

Entregue
Nua, liberta, erótica
A boca
Aveludada e molhada
Chupa, lambe, morde
OH língua!
Irresoluta, veloz, célere
Indecisa passeia por todos os cantos
Nervosas mãos
Movimentam-se sem parar
(E o molhado é do suor?
Não!
É pra escorregar melhor)
Acompanhada de sons diversos
Gemidos, gritos,
Palavras, palavrões
Vai, assim, não para
Embaixo, em cima

Transversal, vertical
O meia, o nove
De quatro, de fato
Encaixo melhor
Sentada desvairada
Em cima do rígido
Sustento meu corpo erguido
Num movimento indeciso





Vou pra baixo?
Vou pra cima?
Encaixo com jeito
Esse quebra cabeça perfeito
E depois de brincar de todos os jeitos
O suor que pinga no lençol
O gozo que escorre entre as pernas
O rosto que estampa o prazer
Quatro paredes
Quatro pernas entrelaçadas
Quatro braços emaranhados
Milhares de sensações inesquecíveis.



A PELE TRADUZ

Na pele
Carrego coragem de mulher guerreira
Suor de combatente
Como o vento
Circulo em todos os cantos
Não me escondo
Não mordo, não apanho
Apesar das amarras
Rescindo
E me enlaço no que confio
Feminina pele
Reflete o que sou
Por ela não me oculto
E nem poderia
Com ela me estampo
Todos os dias
Sou guerreira!
Sou mulher!
Sou Preta!





ALMA NUA, CORPO NU

Olhares e sorrisos, mais olhares e mais
sorrisos

Aproximação, timidez, desejo
Palavras, palavras... Soltas palavras

Lançadas para um fim:
Seduzir...!

Num impulso, num rompante
Tocam-se!

A pele, a boca, os gestos
De forma “mal intencionada”

Misturados num jogo de troca
Onde o que menos importa é a lucidez
Loucos, mansos, risonhos, maliciosos
Abraçados, envolvendo-se num calor
mútuo...

Os lábios nos lábios
Molhados, carnosos, suculentos
Mãos a correr leve como pluma
Percorre...

Cintura, seio, nuca, cabelo...
Puxões!

Nesses crespos cabelos longos
Arrepios, gemidos, suor...
Língua a deslizar
Numa estrada





Onde o asfalto é feito de pele
E as curvas
Levam a lugares provocantes
Êxtase, arrebatamento, fascínio
Corpos colados, aquecidos e suados
Buscam satisfação condicional
Dentro, um do outro
Acesos, raivosos, delirantes, desvairados
Suspiros, gemidos, alucinações
Anseio de mais, apetite pra tudo
Por fim
O gozo, a calma, a alma nua...
Nua como os corpos unidos
A serenar...





A VOZ

Pareço sedada
Sendo arrastada por esse turbilhão
Tento despertar
Mas nada me acalora
A ponto de trazer-me de volta
Será que percebe?
Que eu vivo abrandada
Dentro dessa luz que resplende
Diante dessa face que parece infinita
Resplandeça !!!...
Diz-me a voz
De onde vem essa voz ?
Vem daquilo que semeou
Vem dos bons sentimentos
Cultivados dentro do peito
E vividos com aqueles
Que sabem olhar
Além da sua beleza exterior
Além do que os olhos podem enxergar...





OLHAR PECULIAR PARA TERCEIRO VER

Ela é toda boca, pele, suor, suspiros, arrepios
Faz-se de anjo, porém, sempre demônio
Mostra-se e esconde-se
Prefere jogar-se no escuro
A sofrer sem tentar na clareira
Determinada sempre, ansiosa, explosiva,
Dengosa quando convêm
Misteriosa, passiva, aflita
Escorpiana nata
Por isso total erótica
Exótica, misteriosa, provoca
Dar-se de maneira total
Sabe ser natural
Trava lutas internas
Conflitos, guerras, batalhas
Que são vencidas por ímpeto
De não deixar ser vencida
Ser feliz, fazer feliz, estar feliz...
Felicidade sempre, onde ela estiver
Ela é pretensiosa...
Fogosa, fogosa, fogosa...
Doce e áspera
Verdadeiro paradoxo





Enfeita-se, ajeita-se, desalinha-se
Embeleza-se
Muitas vezes, para esconder
Descontentamentos
Mulher, menina, senhora
Nua, crua, perversa, tirana
Negra, negra, negra
Reinventa-se conforme o momento
Doa-se conforme a necessidade
Transforma-se conforme a natureza da vida
Vive intensamente sempre que lhe é
permitido.





CONSTERNAÇÃO

Minhas pernas...
Suas pernas...
O encaixe perfeito
A sensação aloucada
O êxtase
A bonança
Uma distância previamente sabida...
Angústia!!!



FRED IGOR SANTIAGO FERREIRA

Sou Negro e exerço minha negritude, isso diz muito sobre mim. Tenho 22 anos, nasci em Livramento de Nossa Senhora, interior da Bahia (sertão). Morei alguns anos em Salvador – BA e desde 2008, moro na ancestral Cidade de Cachoeira. Sou militante do Movimento Negro, mais especificamente do Núcleo de Negras e Negros Estudantes da UFRB (meus irmãos e irmãs), meu primeiro contato com poesia foi tenso, achava que não era coisa da gente, muita subjetividade, entretanto, descobri na poesia algumas coisas que a diáspora tirou de nós (e foram muitas) . Não sou poeta, esse é meu primeiro e último verso, não sou poeta, pois nem sei o que é poesia.

É desse jeito sem jeito...

Axé e revolta!

Ass: Fred Igor Santiago Ferreira, africano em diáspora e em busca de meu verdadeiro nome.



ATÉ AS RAINHAS CHORAM

Quando uma mulher preta chora,
A primeira lagrima nunca é sua
Pertencem às ancestrais
Coagidas, violentadas, castigadas pelo
homem (branco e preto)
Desde lá da África.

Quando uma mulher preta chora,
A mãe África lamenta e se revolta
O deserto fica mais seco,
O mar se rebela ,
Os trovões e relâmpagos esbravejam,
O próprio ayê se enfurece.

Quando mulher preta chora,
Ela não chora sozinha
Dandara, Nzinga , Lélia Gonzáles e Dona
Maria
Choram juntas
Amotinadas e enfurecidas.

Quando uma preta chora,
Ela não chora sozinha
Não é ela que chora
É rainha em seu Óri que lamenta





Pois infelizmente, até as rainhas choram
Mas nunca sozinhas.

Por Fred Igor Santiago para todas Rainhas
em Diáspora.





BENDITA MALDIÇÃO,

*Para minhas contradições e às vezes
convergências*

Maldito seja o dia em que te vi
Quando te desejei,
Quando te toquei para além de um aperto de
mão
Maldito seja!
Quando me envolvi,
Quando sai e te encontrei
Mesmo sabendo que era tudo um capricho
de tua vaidade.

Foi assim que me fiz prisioneiro do desejo
Refém de uma beleza perigosa e
contraditória
Que me fez gozar com um beijo
Escravizando-me em suor, unhas e dentes.

Era mais uma conquista improvável
Mais uma conversa de bar
Uma incerta certeza
Consumida
Toda, inteira, lentamente, bem devagar.





Não sei como teria sido sem você
Prefiro acreditar que foi coisa do destino
Que não havia escolha possível
Inevitável, como a morte.



CACHOEIRA NÃO PARA AMADORES

Sentirei falta...

Das noites cheias de nevoas
Dos dias recheados de luz e calor
Dos fins de tarde ao rio
Das madrugadas mal dormidas de pura
poesia.

Sentirei falta...

Da alegria dos reencontros
Da tristeza nas despedidas
Das surpresas a cada passeio na ponte
A magia divina da vida republicana.

Sentirei falta...

Dos beijos salgados e mordidos
Dos seios de mel e pimenta
Do suor e unhas
Dos amores selvagens e inconsequentes.

Sentirei falta...

Da solidão fria que sufoca





Das multidões ardentes e libertinas
Do desespero ao fim do semestre
E a esperança no começo de um novo.

Sentirei falta...

Dos anos com amigos
Dos meses com amantes
Dos dias com você
Das horas e segundas admirando tua beleza
Sentirei falta de ti, Cachoeira
Do teu infinito de pura insegurança
E teu inverno,
Onde descobri um poema de incertezas
E desvendi teu mistério: Cachoeira não é
para amadores.





“PARECE QUE ZUMBI UNIU NOSSAS MÃOS”

Aquilombados estamos mesmo a
quilômetros de distância.
Aquilombados estamos.

Pois nosso avô zumbi
Uniu nossas mãos
Cruzou nossos olhos
Trançou nossos cabelos
Teceu nossas mentes em esteiras nagôs.

Aquilombados estamos.

No negrume de nossa pele
No negrume de nossas mentes
No negrume de nosso sangue.
No negrume de nossos versos.
em nossa dor ancestral.

Aquilombados ficaremos.

Nas mais longínquas paragens
Nas mais pavorosas ressacas
Na mais louca gargalhada





No silêncio mais gritante,

Aquilombados ficaremos!

Pois zumbi uniu nossas mãos,

Uniu nossas mentes,

Uniu nossos poemas,

aquilombou nosso negrume rebelde.

*Por Fred para os amigos\as aquilombados, especialmente às irmãs
e irmãos do Núcleo de Negras e Negros Estudantes da UFRB.*





SIMPLICIDADE

Era de uma simplicidade complexa
Aquele vestido branco
Que um dia foi bege.

A primeira vez que a vi,
Estava com ele, era bege.

A primeira vez que toquei teus seios estava
com ele. Era branco

A primeira vez, estava com ele
Já era branco.

Aquele vestido branco que um dia foi bege.

Era simples de tão belo
Belo de tão simples,
Era simples
Branco ou bege, era simples.

Você nunca gostou,
Achava simples demais.
Eu sempre gostei,
Mesmo quando era bege.

Era simples aquele vestido branco.





Simples de olhar.
Simples de tirar.
Simples de vestir.
Simples de lavar.
Era simples, e eu o amava.

Com o tempo não vestiu mais.
Não tirou mais.
Não lavou mais.
Com o tempo,

O vestido branco que um dia foi bege
Ficou complicado.



TENTATIVA DE FOTOGRAFAR O ORGASMO (I)

Aquele gemido que rasteja o colchão
Aquele suor que molha a escuridão
Aquele cheiro que vejo entre tuas pernas,
O que é?

Aquele mel que escorre de teus poros.
Aquele frio que ouriça tua nuca.
Aquele grito que engasga tua garganta.
O que é?

Aquelas pernas que enlaçam
Aquele unha que arranha
Aquele cavalgada felina
Aquele estocada perdida.
O que é?

O corpo molenga
O peito que pulsa
O sorriso sem vergonha
Os olhos que flamejam
O que é?

A fotografia do corpo,





O corpo,

Fotografado por dedos

Fotografado por língua

Fotografado por olhos

Fotografado por cheiro

Fotografado por falo

Fotografado,

Orgasmo fotografado.





VOCÊ VOLTA.

Decidi te deixar em uma noite fria
Onde a lua,
Escondeu-se entre as nuvens
Decidi te deixar,
Naquela noite estranha,
Que li tua última carta.

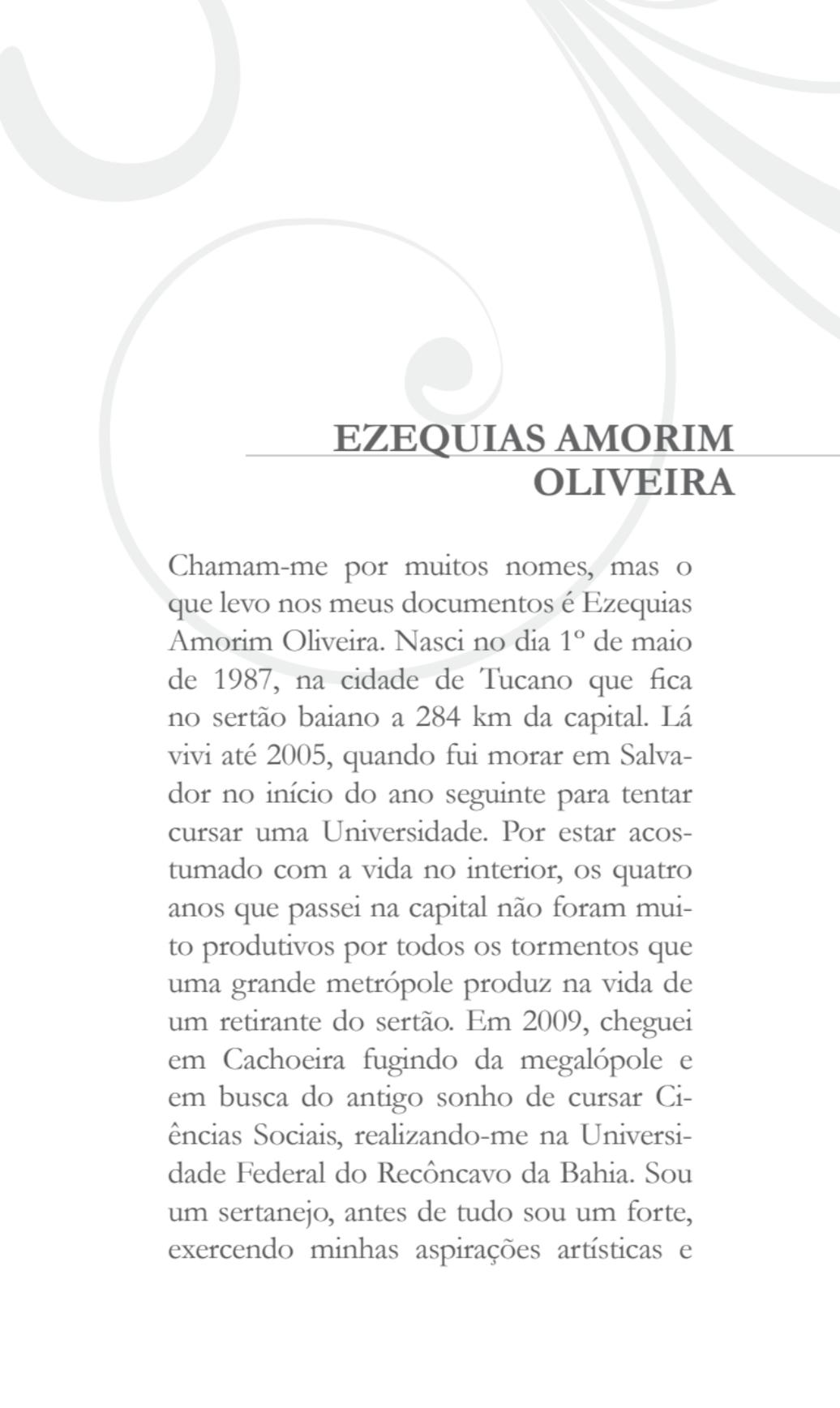
Deixei as besteiras nos poemas que queimei.
Deixei a saudade nos lençóis que não lavei
Deixei você,
Amassada na carta que nunca te entreguei.

Decidi te deixar.
Mas você sempre volta.
Na porta que deixo aberta
Nos poemas guardados,
Nos versos rabiscados.
Você volta.

Pois sempre te busco
Na minha esperança mais poética.

01/11/09





EZEQUIAS AMORIM OLIVEIRA

Chamam-me por muitos nomes, mas o que levo nos meus documentos é Ezequias Amorim Oliveira. Nasci no dia 1º de maio de 1987, na cidade de Tucano que fica no sertão baiano a 284 km da capital. Lá vivi até 2005, quando fui morar em Salvador no início do ano seguinte para tentar cursar uma Universidade. Por estar acostumado com a vida no interior, os quatro anos que passei na capital não foram muito produtivos por todos os tormentos que uma grande metrópole produz na vida de um retirante do sertão. Em 2009, cheguei em Cachoeira fugindo da megalópole e em busca do antigo sonho de cursar Ciências Sociais, realizando-me na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Sou um sertanejo, antes de tudo sou um forte, exercendo minhas aspirações artísticas e

acadêmicas no Recôncavo da Bahia. Sou um poeta tucanense no Recôncavo, cisudo, porém sisudo, com o Recôncavo dentro do meu peito, sou cachoeirano.



Calos nos Cantos

Em todos os cantos
pessoas ao celular
Teia de Andróides
conectados satélites artificiais
Corpos dóceis
estendendo o potencial de sua matéria,
por um ideal de privatização
Esquecemos do FHC?!
Prefiro lembrar Milton Santos,
por uma outra globalização
Pois no quarto dos fundos,
como se fosse leproso,
o velho tinha apenas
Calos nas mãos!





Ritmo

Lanço-me a favor do vento
Como um cronista de viagem,
que levanta as velas da percepção,
em busca de esquemas de significações
do Último vôo do Flamingo.

Faço sombra de minhas ideias
Como quem usa chapéu,
pra se proteger do sol,
sem esquecer da fotossíntese
da Rosa do povo.

Bato de frente com as ondas
Como numa travessia do Atlântico,
me pareço o desespero,
embrulhado no Paraguaçu
flutuando como Espumas.

Sambo no ritmo das estações
Como quem edifica o concreto pensado,
e pinta com a cor da esperança,
pois não tenho cabeça pra usar boné
Mas enfeito-a com Cartola.





Espinhos

Nascer, crescer
multiplicar e morrer?
Sobretudo sofrer
Aprender a andar,
ir a escola pra vestibular,
trabalhar pra desempregado ficar
Vá!

Em busca de sua alienação,
é o refúgio dos sem perdão,
que se entretêm na derrota do time no
domingão,
no domingozinho do Faustão
Na ira do fim do fim de semana,
aí vem segunda,
é tempo de não ter tempo,
pra pensar ou se queixar
de correr, correr e correr,
pra não perder a corrida
e medalha nenhuma conquistar
na linha de chegada
E eu que nem ouvi o tiro de largada
Só ouvi os tiros daqueles PMs
que assassinaram aquela criança
Só ouvi o choro dos pais,
o lamento dos que não tem paz
por causa da fome
de justiça,





em contraste com a potência
da cultura do trio elétrico,
e o barulho do nacional
anunciando mais um recorde
de produção internacional
Oba! No Brasil tem Carnaval
E com toda essa barulheira
emudeci falando, escrevendo,
ensurdeci ouvindo vozes,
sentindo na tez das peles,
a voz do preconceito racial
Na voz da demissão,
Da dominação
nos corações angustiados,
dos estômagos cheios de palma,
espinhos do sertão
Que rima com “ão”,
de Tão esquecido é,
de Tão mal aproveitado,
dos pés que de Tão rachados,
Não sentem mais os espinhos





Eu: último poema

Já perdi as contas
de quantas vezes me refiz
esses versos...

De minhas tentativas,
só restaram uma borracha gasta,
um toco de lápis
essa folha derradeira
e o último

Eu

Exalando perfume
da saudade
que cheira como o entardecer
do Buraco do Vento

Já perdi as contas
de quantas vezes me refiz
esses versos...

Só me resta encontrar
aquele que não deixei de ser
sentado no quintal de minha infância
E me embriagar de juventude
na praça do caixão

Eu

Que sou represa
Do pranto do rio Itapicuru





Que sou o Jorro de lágrimas
Vivo indignado a 48 °C

Já perdi as contas
de quantas vezes me refiz
esses versos...

Sublimou a borracha e o lápis
nas linhas que não me couberam,
fica a poesia
E na derradeira folha
só resta padecer
Solidão!



CRISPIM QUIRINO

POESIAS À CACHOEIRA

Trabalho realizado especialmente para essa participação literária, onde com certeza, estarão outros melhores poemas e poetas a se apresentar. Carinhosamente apresentado em versos pelo poeta Crispim Quirino – como assim gosta de ser chamado – esse novo horizonte artístico e literário tendendo a registrar a Heroica e Histórica Cidade da Cachoeira: cidade de nomes, almas e rios. Como histórias no fundo do mar ditas, reditas e cantadas em dez poemas.

Nascido em Maragogipe, Cidade Patriótica, em 20 de novembro de 1984, junto a seu irmão, Quirino é poeta desde os treze. Filho de Carlos Dias Quirino e Rosângela dos Santos. Além de ter Ricardo dos Santos, Amauri Quirino, Crispiniano Quirino e a prima Chirlei como irmãos. Portanto,

nada mais justo dedicar essa experiência de início de século, e novo, portanto, aos confrades cultos e maduros que tem esse Recôncavo da Bahia no que se refere às letras. Daí “Poesias à Cachoeira” como possibilidade de novas construções, pois é dando à Cidade Heróica, bem como a todo o Recôncavo, a arte em versos, que a mesma possibilita em si mesma seu consentimento.

O autor.

Cachoeira, 15 de fevereiro de 2.011.



SENTIMENTO MADURO

De mãos dadas, caminho sobre os homens.
Chega um tempo em que tudo é alegria,
brilho, amores, deuses e adeus.

Um chão de Estrelas
abre caminhos para o Sol passar,
marca no chão Raios de arco-íris:
certamente, não será outro chão.

(Aplausos para os deuses e cinderelas).

Chega um tempo que nossa vida é nossa
alma,
nossa salvação.

Um tempo de perfumes,
amores, sonhos e perfumes.
Como um pássaro a observar janelas.
Como Anjos anunciando a próxima
orquestra.
Como suspiros em palavras meigas.
Como nós.





INÉRCIA

O espelho deitado em meu corpo
reflete o frio de meu rio.

Suas margens paralisam a Lua:
Águas Ventos Chuvas –
É a poesia que nasce não nasce.

Janeiro inicia as Estrelas no Céu dessa Bahia.
Beijos e amores não cantam.
Mulheres quem sabe.
Quem sabe as mulheres.

Salve essa menina
que nada diz, que nada suspira!

E deitado por sobre o espelho
banha os desejos: saudades.





TRATADO INTERNACIONAL

Aos amigos que convivi na Cidade Histórica

(...) No Brasil
tudo em poesia
é Cachoeira.





QUESTÃO DE GÊNERO OU METÁFORA

Se ela é ele.
Se ele é ela.
Eu sou ele,
e ela sou eu.





DENÚNCIA POPULAR OU EXPULSÃO DE UM DITADOR

A paz reina no Egito.
E o mundo festeja.
(É tanta gente nas ruas e tempo de
progresso.)
Como nos ajuda a tecnologia.

Muitos foram os enviados.
Sistemas de comunicação em pessoa.
Bode expiatório? Um pião gira em círculo.
E tudo segue como no mar.

(50 bilhões de dólares são suficientes
para a Suíça.
Felicitam os egípcios.)
E tudo segue como no mar.

Tudo segue na cidade de 4.000 mil
a 2.850 anos antes de Cristo.
Não precisa ter nome quem dita sem rosto:
2.011 passa como passa o vento:
levanta do chão, a poesia.
Um chão já quase (quase) morto.





ASSEMBLÉIA GERAL

Quero sim o lirismo dos bêbados,
daqueles que carregam a Lua
quando todos dormiam.

Quero o lirismo dos signos,
do ventilador romântico
que indica o amanhã.

Prefiro o jogo que descarto
da música ao lado,
do grito mudo da louça
ou mesmo esse som
que a caneta insiste em descrever:
esse lirismo-Lua. Sim, sim. Prefiro.

- Pois bebamos o vinho que saúda a Noite,
cujo canto é a anunciação.





ANÚNCIO POSTAL

À Força-Tarefa Carioca

Anúncio postal para Quirino.
É seu irmão que está acordado.
Seu irmão que abraça o Rio como Cristo
Redentor
só para pescar sereias.

Esse Rio Machadiano, Dollores, Berenices,
Bandeiras, Botafogo, Fluminense e
Flamengo.

Ah, esse anúncio postal: é um cheque no
peito!

(Que fazem os baianos?)

Fim de ano e um Ano Novo recomeça.

(Felizes pelos brasileiros).





HITÓRIAS DE AMOR

Não sei se faço um poema
do tamanho do Mundo,
ou se faço do tamanho
de seu coração.

Daqueles que todas as palavras
sejam maiores do que tudo
ou que seja simplesmente
do tamanho de seus olhos.

Não sei se faço um poema.
Um poema que fale de ti,
dos desejos nos cabelos,
dos gritos nos olhos,
dos seios de cana-de-açúcar,
de ti.

São poucas as palavras que voam,
são poucas para falarem a verdade.

Não sei se faço um poema,
ou se falo de ti.
Não sei (mais).





CONDIÇÃO HUMANA

Está ouvindo esse choro?
Está vendo? Não se preocupe.
É o vento soprando o rosto.



CAMILLO CÉSAR ALVARENGA

Percorre paisagens metafóricas, realiza alegóricas operações com palavras. Natural do Vale do Paraguaçu, faz residência intelectual no Portal do Sertão onde realiza ativismo literário e político. Travou conhecimento em Feira de Santana com a Sociedade dos Poetas Anônimos, nas pessoas de Agostinho Neto, Edson de Paula Silva Jr, Uyatã Rayra, e Lléw Gomes, com os quais conviveu nos anos de Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, além de André Azais e Danilo Gomes que completam a coletânea “VISÕES ANÔNIMAS [VERBOS NO INFINITO... Saciem a sede do novo”. É impossível esquecer o compositor Davi Lara e o poeta Dilson Lima, com os quais também conviveu nesta época. Hoje, estudante de bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo, realiza pesquisas através do transcendentalismo do conhecimento.



Ouven pisos e azulejos
Sombras obumbram paraísos
E despencam-se as nuvens...





(99)

Nós

/

Gosta-se

Do Mar

Da Terra e dos Astros...

Tende a Sr. Humano

(Ori-

Xâmêgo),

Foge-se,

Escolhe o Canto,

Ô man!,

O MAM

Está aberto

E o ciga-me

Em stand by...





(11)

Rejeitas uma estrela,
Ganha-se um inteiro universo
Bordel de versos no qual
Se cativas voo pós voo...

Placas paredes painéis
Per-correndo hotéis o ser, ocupa,
O coração aluga as putas
E sai no lucro, goza até o absurdo.

Se encontra com a eternidade,
Parece leve pluma, hipotenusa
o arrastas...





(71)

Em meio a úteros e óvulos,
Vulvas e ogivas...
Recupera o todo,
Recompõe
As partes,
Luta em volto
Há luar e caos,
Sorte
haver encontro,
Decidido:
ir em frente...
A história
Nunca esquece... Loco-
motiva, ultra-passa,
Luz, ,balaustre...
velocidade





101.

Ninguém os impede
ninguém os socorre

há homens bomba nos metrôs
e cadáveres vivendo viaduto abaixo

Ninguém os impede
ninguém os socorre

nos ocupam políticos
novos nascem nas ruas

Ninguém os impede
ninguém os socorre

canais de TVs multiplicam-se
e os filhos da net a mercê





Posfácio

A Literatura no Recôncavo: os poetas e os códigos de representação histórica.

A emergência está lotada. Ideias e símbolos, códigos e cifras, predominância e oscilação das categorias de representação. Cotidiano, de maneira recorrente se apresenta em híbrido mosaico, numa justaposição aparente com a realidade. A história está às mãos, a sociedade contra o Estado. Quando crítica, há sociedade, apenas.

Complexo de símbolos num histórico sentido de substância e subsistência intelectual, ainda num tempo em que a Cultura hegemônica evita acumular excedentes criativos, gerando assim uma sociedade de classes tão obtusa e alienada de suas relações orgânicas com os rituais e as obras de arte. Coisifica-se o social na gestação de um Estado político, arcaicamente preenche de um mandonismo, apoiado no fa-





miliar, que tem por consequência o coronelismo do consumo.

Estamos no Recôncavo! É preciso sempre lembrar desta terra em transe de poesia, essa orquestração de experimentações artísticas, esse território humano, demasiado humano para moralizar-nos. Lugar onde a Arte (re) funda os valores, a vida e o trabalho criativo (re)significam a trágica experiência da modernidade, cotidianamente, em cada esquina, a cada mês que as praças, ágoras enchem-se do leite e do mel de homens e mulheres nos seus afãs de serem imortais, por instantes.

Mas a Arte, muito mais importante que os homens, vive enredada numa perversa poética. Vive perdendo o sentido de se renovar e a desovar os fetos. Vive da mídia, do rádio, do jornalismo, da iniciativa privada ou estatal, vive numa resma de coisas entre o desenvolvimento da percepção e da educação dos sentidos, vive entre a estrutura complexa e a arbitrária organização, vive entre a óbvia precariedade e a falta de equalização, as frequências do profissionalismo estão em direções equidistantes.





Vive. O público e o tumulto são coisas que não se separam, não há fronteiras. Vive.

Em busca da dispersão elástica do elemento estético, em busca do norte para a comunicação, de poetas para poetas, cultivar o ritual, a audição, a leitura, preservar a criação contra os bens da indústria cultural. Poesia versus mercado, por quê não vendes poesia? Por não ser “mercadoria”? Produção espúria? Ou pura ironia? A poesia na temperatura da informação, correndo nas novas mídias, obsolescência da TV.

De Castro Alves, Pedro Kilkerry a Damário da Cruz, Orlando Pinho, Rony Bonn, João de Moraes Filho ou Jurandir Rita, Crispim Quirino ou David Machado, Herculano Neto ou Roberto Mendes, a poesia tem passado por muita coisa durante esses séculos em que se acompanha a produção literária do Recôncavo baiano. Bem, que se possa em breve, e não muito distante, apontar para uma Literatura que mais do que canônica ou inacabadamente moderna, na prosa ou na poesia, seja, atual e liberte o artista e sua arte de todo cárcere.





O cárcere da ilusão, da raça, da estética cansada, do ritmo vencido, da vida gasta, do rio poluído, da noite repleta de seus eguns e de sua solidão pomposa, o cárcere do risco de romper a represa, o de quebrarem-se os controles remoto, de se perder o chip do celular ou os satélites pararem de funcionar, por alguma interferência radioativa de uma experiência nuclear mal sucedida.

É o instante necessário aos movimentos internos no seio da dinâmica literária, é instauração de uma geração que desdobrada do minimalismo poético damariano, estabelece um jogo entre a individualidade e as representações artísticas, sociais, filosóficas e estéticas operadas na modernidade. É a percepção do espírito de uma região, frente à alma do seu povo, diante a cultura de um ethos. Ambientando tendências e correntes literárias e de pensamentos de uma época, resultado de um estado social no qual escritores se responsabilizam por expressar um ambiente coletivo, através da poesia, tendo na literatura um sintoma da vida intelectual de um grupo social e manifestação de





sua cultura num determinado período histórico, a saber, o contemporâneo.

É o Recôncavo e sua poética. Abrindo as portas à Renascença Cultural, assistindo ao restabelecimento do Cinema em Cachoeira, dos círculos intelectuais, espalhados pela região em São Félix, Santo Amaro, Cruz das Almas. Neste breve instante, por ora, se produz e cristaliza o esforço intelectual de ir-se além de um passado heroico, para criar-se as condições necessárias para ser o que se é.

C.C. Alvarenga.



Formato: 10 x 17
Mancha: 7,25 x 13,5
Tipologia: Garamond (miolo)
 Niagra Solid (capa)
Papel: Pólen 80g/m² (miolo)
 Cartão supremo 250g/m² (capa)

Gráfica: Imprima Soluções Gráficas



Editora UFRB

ISBN 978-856134636-2



9

788561

346362